

TJ-SP mantém prisão preventiva de acusados de assassinar policial

Juliane Duarte, moradora de São Bernardo, foi morta em 2018; Tribunal rejeitou pedido para liberar suspeitos e audiência foi marcada para janeiro

BEATRIZ MIRELLE
beatrizmirelle@dgabc.com.br

O TJ-SP (Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo) manteve nessa terça-feira (6) as prisões preventivas dos acusados de matar a policial militar Juliane dos Santos Duarte. A medida é uma repercussão do pedido do MP (Ministério Público) para revogar a solicitação de soltura dos suspeitos realizada pelo juiz Claudio Juliano Filho, da 1ª Vara do Júri, em junho. A próxima audiência de custódia está marcada para 10 de janeiro de 2023.

Moradora de São Bernardo, Juliane foi sequestrada e assassinada em agosto de 2018, aos 27 anos, após visitar amigos em Paraisópolis, bairro periférico da Zona Sul de São Paulo.

A decisão do TJ-SP envolve as prisões de Everaldo Severino da Silva Félix, Everton Guimarães Mayer, Felipe Oliveira da Silva, Elaine Cristina Oliveira Figueiredo

e Felipe Carlos Santos Macedo. Ricardo Vieira Diniz também é acusado de participar do crime e está preso na penitenciária de Valparaíso.

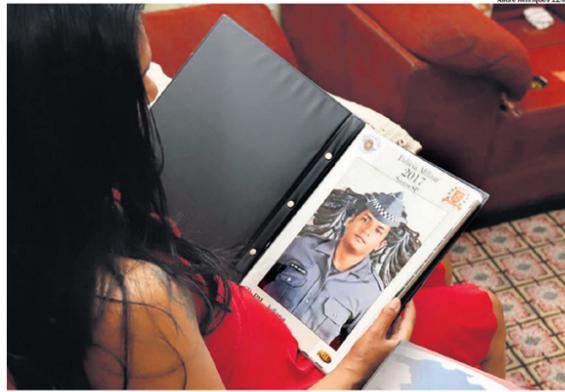
Além desses, o réu Luiz Henrique de Souza Santos está foragido.

As acusações indicam cárcere privado, tortura, homicídio triplamente qualificado e por motivo torpe com utilização de meio que impossibilitou a defesa da vítima e associação criminosa por integrar o PCC (Primeiro Comando da Capital).

O pedido de liberação dos suspeitos foi feito porque eles não foram julgados mesmo após ao menos quatro anos presos. De acordo com o juiz Juliano Filho, isso é constrangimento ilegal.

O CASO

Em 1º de agosto de 2018, Juliane saiu de São Bernardo para encontrar amigos em Paraisópolis. Ela foi identificada como policial em



JUSTIÇA. Suspeitos são acusados de cárcere privado, tortura, homicídio triplamente qualificado e associação criminosa

um bar e sequestrada na Rua Melchior Giola, na Vila Andrade. O corpo foi encontrado em um porta-malas, cinco dias depois, na Rua

Cristalino Rolim de Freitas, no bairro Campo Grande, a oito quilômetros do último local onde ela foi vista. Juliane foi morta com três tiros.

A família acreditava que o crime tinha sido premeditado. "Foi uma emboscada. Sabiam quem ela era e a atraíram", disse a professora Fa-

biane dos Santos Duarte, irmã da oficial, em entrevista para o **Diário** na época.

A brutalidade do crime repercutiu na Capital e no Grande ABC. Em 2021, a Escola Estadual Jorge Rahme, no Jardim Taboão, em São Bernardo, prestou uma homenagem para a policial, que estudou na instituição.

Um painel com a imagem de Juliane foi preparado pelo artista Anderson Araújo, conhecido como Anderson Grafite. A pintura foi paga por uma vaquinha on-line promovida pela irmã Fabiane e a arte tem como objetivo eternizar a trajetória da policial.

Em 2018, Juliane estava como concursada na PM há dois anos. Ela atuou como GCM (Guarda Civil Metropolitana) em São Paulo e sonhava em trabalhar na Polícia Federal. Agora, quatro anos após o ocorrido, a família ainda aguarda o julgamento.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades **Página:** 1